

NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL: a gincana cultural como estratégia didática para o ensino da História do Piauí

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o intuito de apresentar um instrumental que possa auxiliar aos professores a adotar uma atitude reflexiva sobre sua prática docente e na busca por estratégias de ensino viáveis e confiáveis para o ensino da História do Local, construímos este texto fundamentado no exercício da docência em História do Piauí e nas estratégias de ensino formuladas no contexto da sala de aula visando obter ampliação do interesse e aprendizado dos conteúdos ministrados.

Estruturamos nosso artigo em torno de três idéias básicas. Inicialmente apresentamos elementos substanciais, mas ao mesmo tempo condensados, sobre a configuração atual do campo historiográfico no que concerne a produção do conhecimento histórico (consolidação da História como ciência, teorias da História, fontes históricas) para que os profissionais da História possam, a partir das considerações e questionamentos apresentados, empreender a sua própria reflexão a respeito das práticas do profissional de História, bem como as implicações da adoção destas para o exercício da docência em História.

Em seguida procedemos a uma análise da presença da disciplina História Local nos currículos escolares piauienses, tanto na Educação Básica quanto na Educação Superior. Para depois emprendermos o relato de experiência didático-pedagógica utilizando-nos da Gincana Cultural enquanto estratégia didática para o ensino da História do Piauí nos Cursos de Graduação em Serviço Social e Comunicação Social, a qual obteve os resultados esperados e contribuiu para ampliação do interesse dos graduandos pelos conteúdos de História do Piauí.

* Professora de História na UESPI e na SEDUC-PI. Graduada em História e Comunicação Social. Doutora em Educação Brasileira.

2. O PROFISSIONAL DE HISTÓRIA E O ENSINO DA HISTÓRIA

Muitos aspectos, conhecimentos e habilidades se fazem necessários no cotidiano da prática do profissional de História. Contudo, o ensino/difusão/publicidade do conhecimento histórico, ou seja, o Ensino da História é ainda a atividade, dentre tantas outras, a qual este profissional dedica mais tempo, preparo e empenho.

As estratégias de trabalho do profissional da História para construir a Docência em História, especialmente na Educação Básica, se conduzem e consolidam na produção do conhecimento histórico, elaborado e aperfeiçoado cotidianamente no espaço e nas inter-relações da sala de aula, posto que este conhecimento tenha de ser acessível a todos os sujeitos envolvidos no processo-aprendizagem (docentes e discentes).

Portanto, a Docência em História é a construção cotidiana de conhecimentos compreensíveis e compatíveis com o desenvolvimento intelectual e emocional dos sujeitos sociais do processo ensino-aprendizagem da ciência História.

Então, o exercício do Ensino da História se faz e se constrói a partir da articulação entre: referencial teórico-metodológico da História, análise-interpretação das fontes (informações) sobre o fato histórico, competências e habilidades didático-pedagógicas, objetivando a recomposição de dados e informações históricas e metodologias de ensino para a elaboração de conhecimentos históricos destinados e compatíveis com a maturidade intelectual dos discentes a que estes são apresentados.

Da capacidade de desenvolver esta articulação depende a (re) construção do conhecimento histórico, posto que tal conhecimento aborde “um conjunto de temas e (ou) problemas que constituem uma problemática praticamente inesgotável no seu todo” (FALCON, 2002, p. 11) uma vez que versam sobre a compreensão das diferentes sociedades humanas, desde as suas similaridades, passando por singularidades e rupturas até o irrompimento de constatações sobre as permanências e interligações de/entre certas práticas sociais ao longo dos diferentes tempos históricos.

Sendo assim, empreender a Docência em Histórica é construir conhecimento histórico, que é a interpretação de um acontecimento num dado momento da existência de uma determinada sociedade humana, se servindo para tanto da análise das fontes

históricas, análise esta que resultará na compreensão da realidade histórica na qual o acontecimento se deu.

Então, podemos afirmar que parte dos avanços contemporâneos concernentes ao Ensino de História se deve à ampliação e aperfeiçoamento ininterruptos da formação dos profissionais que atuam nesta atividade.

Fator este que lhes proporciona acessar e desfrutar, com mais habilidade e competência, uma gama de recursos teóricos e materiais que permite utilizar “instrumental metodológico para enfrentar o desafio de localizar e analisar amplos repertórios de fontes variadas” (PINSKY, 2006, p. 09) a cerca dos eventos históricos e (re) construí-los a contento para serem divulgados e apreendidos pelos discentes dos mais diferentes níveis de ensino.

É, a Docência em História, embora, envolva um número cada vez maior de profissionais, talvez seja a atividade mais complexa dentre todas as que estes se propõem a desempenhar.

O Docente de História tem que aliar ao mesmo tempo e ritmo as competências inerentes a sua própria área de conhecimento, a História, e, ainda, conhecer, congrega e utilizar conhecimentos e competências de outras áreas de saber, só para citar algumas, por exemplo, Pedagogia, Geografia, Psicologia, Antropologia, Comunicação Social, etc.

Esta especificidade do Ensino da História é um processo de construção que se delineia desde que a História assume no cenário das Ciências, especificamente das Humanas, o posto de ciência autônoma e se consagra como saber científico validado e elemento necessário ao ser humano para que este compreenda as trajetórias de eventos e fatos que geraram as diferentes sociedades humanas, ou seja, por volta de fins do século XVIII e meados do século XIX.

É neste percurso de constituir-se enquanto saber autônomo, que a História forjou os diferentes referenciais teóricos, metodológicos e de difusão do saber que lhe deram/dão suporte e embasamento para produzir o conhecimento cientificamente válido e de credibilidade.

Resumidamente, podemos apontar como referenciais epistemológicos basilares do campo historiográfico as Teorias da História forjadas e revalidadas ao longo três últimos séculos constituídas, as quais sejam: Positivismo; Marxismo/Dialética; Social e Cultural. Estas Teorias, didaticamente, podem ser agrupadas como sendo as duas

primeiras pautadas pelo ideário científico referenciado nos pressupostos do racionalismo Iluminista, enquanto as duas últimas são reconhecidas como vinculada ao arcabouço de críticas ao pensamento da modernidade, ou seja, ligada a propostas pós-modernas de construção do saber científico.

Contudo, apesar das diferenças aqui apontadas e de outras tantas, “todas essas formas de teorização da produção do conhecimento histórico partem de um mesmo pressuposto sobre a História: realidade, racionalidade, sentido.” (FALCON, 2002, p. 28) Uma vez que a História, enquanto produto da prática do historiador não é a realidade histórica e, sim, “história, como conhecimento histórico”. (FALCON, 2002, p. 28)

Nesta perspectiva, o Ensino da História, também, é orientado por esta ou aquela teoria que é adotada pelo docente. A escolha do docente por determinado aporte teórico-metodológico é empreendida no decorrer de sua formação acadêmico-profissional, pois, além das simpatias individuais por determinada postura historiográfica, depende das condições reais (materiais e intelectuais) do espaço escolar que lhe proporcionam efetivamente o desenvolvimento da rotina da docência.

Nesta seara da construção do conhecimento histórico, a capacidade de lidar de forma eficaz com as diferentes fontes de informação sobre os eventos históricos, nos diversos momentos que integram a produção da História (localizá-las, identificá-las, selecioná-las, analisá-las e interpretá-las), é essencial ao profissional de História no desenvolvimento de suas atividades docentes, “pois delas depende a construção de convincente de seu discurso” (PINSKY, 2006, p. 10) historiográfico com “resultados” cientificamente reconhecidos e aceitos e, além de tudo, obter dos discentes a compreensão do que é a Ciência História e a importância desta para vida diária de cada ser humano.

Na contemporaneidade, ampliou-se a definição do que seja fonte e a produção desta,

Mas, afinal, qual o traço comum que permite chamar de fontes para o conhecimento histórico coisas tão diferentes como uma estátua grega do século V a.C., uma máscara maia, uma carta do Marquês de Pombal, um concerto de Mozart, uma película cinematográfica, um artigo de jornal sobre os perigos do desmatamento, uma entrevista gravada de um trabalhador em greve, uma fotografia e uma telenovela? A resposta está no interesse do historiador em inquirir o que essas coisas revelam sobre as sociedades às quais elas pertencem e na criação de uma narrativa explicativa sobre o resultado de suas análises. (PINSKY, 2006, p. 10)

Partindo deste exemplo, podemos citar os tipos diferentes de fontes históricas, seguindo a proposta elaborada por Pinsky (2006, p.18-21): Fontes documentais; Fontes arqueológicas; Fontes impressas; Fontes orais; Fontes biográficas; Fontes audiovisuais.

Os tipos de fontes aqui citados não esgotam a diversidade de documentos a que pode recorrer um historiador no desempenho de suas atividades de (re) construção do conhecimento histórico. No entanto, cada tipo de fonte exige referencial teórico-metodológico diferenciado que torne o profissional apto a perscrutá-la a respeito da realidade histórica que esta fonte encerra.

Outro fator que se considera relevante no processo de construção do conhecimento histórico tem haver com o próprio profissional da História, já que “os interesses dos historiadores variam no tempo e no espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais.” (PINSKY, 2006, p. 10)

Então, a Docência em História se faz a partir de uma dualidade contraditória e complementar, posto que ao mesmo tempo em que exige do historiador rigor teórico-metodológico propiciador de habilidade para lidar com as fontes e construir um conhecimento histórico atento ao rigor científico e acessível a seus discentes, este mesmo profissional não consegue se desvencilhar de suas “origens” o que interfere diretamente na forma de relacionar-se com a ciência História e o exercício da docência.

Voltamos a afirmar que o Ensino, talvez, seja a mais complexa dentre todas as atividades desenvolvidas pelo profissional da História. Em contrapartida, é, também, a mais gratificante de todas as atividades.

Porque diferentemente das demais atividades desempenhadas pelo Historiador, a docência apresenta resultados a curto, médio e longo prazo. Por exemplo, um pesquisador não sabe quando nem que lugares sociais os resultados de suas pesquisas serão (re) conhecidos ou mesmo terão visibilidades; já o docente de História tem a noção, ao fim da aula dada, do semestre concluído, ou do ano letivo finalizado de que elementos, aspectos e acontecimentos da História seus alunos compreenderam e quais competências e habilidades estes serão capazes de desenvolver, além de poder cultivar a convicção de que os conteúdos e saberes apreendidos nas aulas de História fazem diferença no processo de formação do cidadão.

O Ensino da História nos leva, então, a repensar as práticas de produção do conhecimento histórico, e, bem como as práticas didáticas que tornam possíveis a difusão e o acesso a este conhecimento. Sendo assim é por meio da atividade de Ensino de História que refletimos e repensamos a produção e difusão do conhecimento histórico, descortinando as possibilidades de novas temáticas e objetos de pesquisa, novas fontes históricas, novas metodologias e estratégias de ensino.

Congregue, ainda, a estes a capacidade, oportunizada pelo espaço da sala de aula e da rotina escolar, de podermos perceber a aceitabilidade e (in) conveniências deste ou daquele conhecimento/informação e/ou metodologia de ensino.

Além, do fato de que, é no exercício da docência que se está bem mais próximo de concretizar o grande objetivo da ciência História:

Contar as Histórias da humanidade num tempo e num espaço determinados e relacioná-las entre si, estabelecendo as interconexões que permitem a todos os sujeitos se ver, se reconhecer e se respeitar como seres humanos que são diferentes em suas práticas sociais, culturais, religiosas, econômicas, mas que, mesmo com diferenças, são todos pertencentes ao gênero humano. (SILVA e SANTOS, 2009, p.05).

Então, efetivamente, é no Ensino da História que o profissional se dá conta da validade e dimensão das ações empreendidas em outras atividades de sua profissão. Ou seja, sem ter a experiência da docência, o profissional de História é incompleto, posto que não consiga dimensionar, claramente, os “vazios” existentes na sociedade, na qual está inserido como sujeito social e histórico, no que concerne a compreensão, a produção e a difusão dos conhecimentos históricos.

3. A HISTÓRIA LOCAL NO CENÁRIO EDUCACIONAL PIAUIENSE

Os profissionais que atuam em nossas instituições de ensino, na busca pela formação do ser humano portador duma consciência analítica e da capacidade de estabelecer diálogos e análises críticas sobre e com as situações que vivenciam em seu cotidiano, coerentemente, compreenderam que por meio do aprendizado-ensino da disciplina História “comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta, permanente e fundamental, da sociedade: direitos do homem, democracia e paz.” (FONSECA, 2003, p. 96).

Por este motivo a História, especificamente a História Local, integra os currículos das instituições escolares piauienses desde a Educação Básica até o Ensino Superior, buscando atingir os objetivos preconizados pela legislação educacional e aceitos como necessários e indispensáveis pelo pensamento educacional vigentes em nosso país para a formação geral dos educandos.

Na Educação Básica, a História Local está presente em todas as séries. Embora com a nomenclatura formal de História do Piauí figure apenas nos conteúdos curriculares da 3ª série (4º ano) do Ensino Fundamental e nas três séries do Ensino Médio. Nas demais séries, é responsabilidade do docente de História fazer as devidas e necessárias articulações entre os conteúdos curriculares pré-estabelecidos (História Mundial e História do Brasil) e a História local e, para tanto, desenvolver as estratégias de ensino mais adequadas para realizar tal empreitada didática.

Excluindo-se os Cursos de Graduação em História que possuem, via de regra, um número maior de componentes curriculares que se dedicam a aspectos da História do Piauí, além de as discussões e análises dos eventos e momentos históricos presentes nos demais componentes curriculares perpassarem de uma forma ou de outra a realidade histórica piauiense. No Ensino Superior, os demais cursos de alguma forma interligados às áreas das humanidades e sociais apresentam, em geral, seus currículos um componente dedicado a abordar aspectos históricos piauienses e presente no primeiro ano do curso. A título de exemplos citamos a seguir alguns dos cursos superiores ofertados em território piauiense e que possuem em suas grades curriculares disciplinas da área de História e, especificamente de História do Piauí, são eles: Pedagogia, Comunicação Social, Biblioteconomia, Turismo, Serviço Social, Artes, Geografia, Letras.

Ao se pensar na inserção deste componente curricular projetou-se que ao obter maiores informações sobre o processo de formação sócio-histórica da sociedade piauiense os graduandos possam, além de compreender com maior coerência e clareza a realidade na qual se inserem na contemporaneidade, bem como buscar se municiar de instrumentais que lhe possibilitem, por meio da compreensão da história local, entender a configuração social vigente e de posse deste entendimento formular estratégias eficazes de atuação em seu campo profissional.

Para ministrar tais componentes curriculares nos mais diferentes cursos de graduação, são designados professores com formação básica na área de História e/ou áreas afins. E, embora, seja explicitado de diferentes formas a importância da História do Piauí para a formação profissional e humana dos futuros profissionais deste ou daquele curso, os profissionais de História designados para exercer a docência nestas classes enfrentam dificuldades em manter a atenção e o interesse dos graduandos, uma vez que a maioria destes não consegue perceber, no decorrer da disciplina, a relevância da História no percurso de sua formação como ser humano e cidadão que interage com diversos setores da sociedade, nem como esta disciplina pode contribuir para o exercício de sua profissão.

Dentre as diferentes situações que emperraram o desenvolvimento a contento da disciplina de História local em outras graduações estavam, entre outros: por parte dos alunos – desconhecimento da História local e, conseqüente, desvalorização desta; a priorização de aquisição e leitura de materiais bibliográficos das disciplinas específicas de seus cursos; a produção de trabalhos de baixa qualidade por se dedicar, prioritariamente, à confecção dos trabalhos das disciplinas específicas; por parte dos docentes - a sobrecarga de conteúdos programáticos a serem trabalhados, que acabavam por culminar na opção de abordar o conteúdo de forma expositiva e contando com a pouca participação dos discentes; ausência de recursos didáticos diversificados (imagens e vídeos locais, material bibliográfico desatualizado sobre a história local nas bibliotecas, etc.) nas instituições de ensino superior.

Assim, no Ensino Superior, além dos entraves cotidianos já existentes e peculiares à docência na área de História, ao ministrar disciplinas em cursos distintos da graduação específica em História, o docente se depara e tem de aprender a lidar com outros fatores, como os citados anteriormente, e buscar estratégias didáticas adequadas ao desempenho da atividade de gestor do processo ensino-aprendizagem capazes de gerar a obtenção e desenvolvimento das competências pretendidas para os educandos.

4. A GINCANA CULTURAL COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL: relato da experiência na docência da disciplina História do Piauí no ensino superior

A renovação das práticas de produção, difusão e ensino do conhecimento histórico (dentro e fora dos espaços escolares) é uma constante no exercício da docência, principalmente da docência em História no Ensino Superior. Talvez este seja o desafio, e até mesmo uma necessidade, mais presente e mais difícil de ser superado pelos profissionais da Educação Superior.

Esta necessidade se tornou mais evidente e urgente em minha carreira docente durante os semestres letivos dos anos de 2004 a 2007, quando fui designada para atuar como professora da disciplina História do Piauí (com as suas diferentes nomenclaturas conforme o curso na qual estava inserida) em outros cursos superiores. Durante este quadriênio atuei regularmente como docente da disciplina Formação sócio-histórica do Piauí do Curso de Serviço Social (com carga horária de 72 h/a) e de Comunicação Social (com carga horária de 60 h/a).

A proposta da ementa das disciplinas nos cursos de bacharelado em Comunicação Social e serviço Social era apresentar aos alunos a História local, desde a colonização portuguesa (iniciada em fins do século XVII) até a contemporaneidade, denotando em seu transcurso as transformações e permanências sociais, econômicas, políticas e culturais em o nosso território nos últimos séculos.

Bem não dá para não mencionar: eram sim muitos conteúdos e pouco tempo para ministrá-los adequadamente!

Nos dois primeiros semestres letivos adotei para nestes cursos as mesmas estratégias de ensino adotadas no Curso de História (leituras de bibliografia básica e pré-selecionada, aulas expositivas dialogadas, fichamentos, análises de situações históricas relacionando-as com outras realidades históricas, seminários, produções de texto, avaliações escritas em classe e extraclasse, etc.).

Os semestres foram concluídos e os conteúdos trabalhados de forma sacrificada e sacrificantes, tanto para mim quanto para os alunos, especialmente a última unidade do conteúdo programático a qual se referia as questões culturais ao longo da História do Piauí e que trabalhadas num fôlego único de uma, duas ou no máximo quatro horas

aulas fazendo-se um panorama geral e, lógico suprimindo muitas informações e discussões.

Ao findar o ano letivo de 2004 e, ao saber que, nos semestres seguintes, seria novamente designada para lecionar as disciplinas nos Cursos de Comunicação Social e Serviço Social, passei a repensar a prática docente desenvolvida naquelas classes e a buscar leituras e bibliografia outras que me ajudassem a solucionar aqueles impasses e a atingir os objetivos propostos em meus planos de aula.

Nesta busca, me deparei com a lembrança dos textos de Selva Guimarães e ao buscá-los encontrei a afirmação de que “a história e seu ensino são, fundamentalmente, formativos” (FONSECA, 2003, p.70). Tal fragmento de texto me proporcionou chegar à resolução de que devia despertar nos futuros profissionais, assistentes sociais e comunicadores sociais, a capacidade de se auto-reconhecerem na nossa História e assim compreenderem que, também, são sujeitos históricos e portadores de uma história e de uma historicidade e de uma “identidade piauiense”.

Assim com tal reflexão e ciente de que cada professor tem “um modo de ver, ler e fazer ensino de História” (FONSECA, 2003, p.11) fundamentado em: escolhas, interpretações, produções acadêmicas, investigações, disponibilidade de recursos didáticos e conhecimentos prévios tanto seu quanto dos alunos.

Observei o que tinha a disposição. E, resolvi proceder a alterações nos planos das disciplinas de História do Piauí para os Cursos de Serviço Social e Comunicação Social.

Uma das alterações consistia na reformulação da metodologia de ensino a ser adotada no desenvolvimento da disciplina, com a inserção de estratégias que pudessem fazer com que os discentes se percebessem como sujeitos históricos participantes da história local. Dentre do conjunto das alterações realizadas, destaco como importante e com a qual obtive melhores resultados, a inserção, como estratégia de ensino, na última unidade de conteúdo programático (Aspectos Culturais do Piauí), da Gincana Cultural.

A Gincana Cultural é, no nosso Estado, em geral, uma atividade realizada extraclasse que congrega alunos de diferentes séries e turnos em equipes, e em forma de uma competição, acaba por se tornar uma atividade mais lúdica que formativa do ponto de vista formal de conteúdos, além do fato de ser uma atividade pedagógica mais comum as classes da Educação Básica.

Os objetivos principais da inserção desta estratégia de ensino nas classes do ensino superior foram: ampliar os conteúdos programáticos presentes na unidade; fomentar a participação e interesses dos alunos pela cultura piauiense de forma que, ao buscar conhecê-la para cumprir as tarefas da gincana, estes, também, pudessem passar a se reconhecer como piauienses e portadores de uma identidade cultural local; proporcionar aos alunos contato direto com as diferentes formas de manifestações culturais piauienses; utilizar o aspecto lúdico existente no formato de gincana para amenizar a tensão presente no processo avaliativo referente à última nota do semestre letivo.

A Gincana Cultural foi organizada do seguinte modo, previamente, as provas foram selecionadas e preparadas por mim. Ao organizar estas provas tomei o cuidado de prepará-las de forma que exigissem dos alunos a dedicação por pouco tempo para realizá-las e, conseqüentemente, minimizar nestes a sensação de que estavam desperdiçando tempo valioso que poderia ser dedicado a outras atividades.

As provas foram organizadas da seguinte forma: provas A – questões sobre a realidade e história piauiense: cada equipe deveria responder a cinco questões sobre o tema constante no conteúdo programático da disciplina e sorteado na hora da realização da prova; provas B – caça palavras: cada equipe recebeu um quadro contendo letras misturadas nas quais deveriam identificar e marcar as palavras que respondiam corretamente a cinco questões formuladas sobre a cultura piauiense; provas C – as lendas piauienses: cada equipe deveria identificar as lendas presentes em nosso Estado e, entre estas, escolher uma tipicamente piauiense e representá-la em sala de aula utilizando o tempo máximo de 10 minutos; provas D – produção de texto sobre aspectos da cultura piauiense: cada equipe deveria escolher um aspecto da cultura piauiense produzir um texto de no mínimo duas laudas sobre o aspecto escolhido da cultura piauiense para ser lido em sala de aula.

Num segundo momento, a classe foi dividida em cinco grupos que se constituíram em equipes competidoras. E, depois foi sorteada a seqüência em que cada equipe realizaria provas.

Os alunos se envolveram de tal forma que todas as provas foram cumpridas conforme o previsto: duas horas aula para preparação da Gincana e mais duas horas aula para realização da atividade. Os objetivos pensados foram atingidos.

A atividade da Gincana envolveu e empolgou os alunos de maneira surpreendente. Tanto que as classes subsequentes as do ano de 2005, ao saber da realização da “competição” passaram a questionar-me se quando eles fossem meus alunos também iriam participar de uma Gincana? Ou que estavam aguardando o momento para cursar a disciplina História do Piauí para poder fazer uma Gincana também!.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ante as experiências desenvolvidas, podemos afirmar, embora carecendo de análises empreendidas por outros profissionais que não participaram diretamente do desenvolvimento e aplicação desta estratégia para o ensino da História local, que a utilização da Gincana Cultural contribuiu para ampliação do interesse dos graduandos pelos conteúdos de História do Piauí, além de ter facilitado ao docente empreender o processo avaliativo destes discentes de forma mais tranqüila e sem maiores tensões e apreensões por parte dos alunos quanto à necessidade de obter a média aprovativa exigida pelas instituições de ensino.

6. REFERÊNCIAS

- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas (SP): Papirus, 2003.
- FALCON, Francisco. **História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- SILVA, Samara Mendes Araújo e SANTOS, Raimundo Nonato Lima. Construindo Histórias nos Labirintos de Clio. IN: **Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em História**. Fortaleza (CE): Edições UFC, 2009.
- QUEIROZ, Teresinha. **Do singular ao plural**. Recife: Bagaço, 2006.
- Amarração era uma Vila do Ceará e já pertenceu a Parnaíba. Disponível em: www.canalverde.tv/Amarracao.